

pela profissão, enxergava-se como “caixeiro viajante de aulas”. Porém, chegou um momento em que resolveu seguir o rumo dos estudos, passando em primeiro lugar no concurso para professor de biologia da Urca, em 1994.

“Uma vez, eu passei quatro noites viajando de ônibus, eu adorava isso, mas depois vi que aquilo também não respondia tanto às minhas perguntas, e eu disse ‘tenho que estudar’. Foi aí que apareceu a possibilidade de fazer concurso para a Universidade Regional do Cariri”, recorda.

Como professor da Urca, começou a se interessar pela paleontologia por influência de um amigo da faculdade. “Fui sendo provocado a fazer paleontologia e, quando me dei conta, já estava acompanhando grandes paleontólogos”, conta. Assim, em 2000, quando iniciou um doutorado, já estava decidido a seguir na área, fazendo um pós-doutorado em seguida. Seus estudos foram voltados para o resgate das comunidades que viveram em cada período histórico e as condições ambientais nas quais estavam inseridas.

## Pesquisa

A Bacia do Araripe, região entre Ceará, Piauí e Pernambuco, é conhecida pela variedade de espécies do período cretáceo (de 110 a 115 milhões de anos atrás), contando com nove sítios paleontológicos, onde há registros de arte rupestre e fósseis de dinossauros. Antônio começou a fazer pesquisas no local em 1998 e acredita que seus estudos sobre o aquecimento global envolvendo as comunidades do passado tiveram grande peso na escolha do seu nome para o “Oscar da paleontologia”, além de outras questões.

“Não foi só uma pesquisa, mas o conjunto da obra. Muitas das minhas publicações envolvem aquecimento global e mortandade no cretáceo. O que essas mortes têm a nos dizer, hoje, em relação ao clima? Então, eu acho que acabei tendo um destaque por causa disso, o que pesou junto com o trabalho que eu faço contra a exportação ilegal de fósseis e os vários alunos que já formei”, expõe.

## Surpresa

Antônio conta que foi uma surpresa quando soube que ganhou o prêmio e, inclusive, achou que podia ser um golpe. “Eu recebi um e-mail dizendo que eu tinha sido selecionado para

Fotos: Arquivo pessoal



Trabalho na Bacia do Araripe, no Ceará



Antônio (direita), aos 7 anos, e o irmão, David, cresceram na área rural



Em sala de aula em 2000, quando iniciou o doutorado



Os estudos de Antônio focaram no resgate de comunidades ao longo da história

receber o Morris F Skinner este ano, com tudo pago para ir aos Estados Unidos. Sinceramente, eu pensei que era trote. Mostrei para meus colegas, e eles disseram ‘não, cara, isso é verdade’, então

eu fiquei muito surpreso.”

Apesar do destaque dado ao seu nome, o pesquisador só se considera merecedor do título porque houve um trabalho em equipe por trás das pesquisas:

“Paleontologia se faz, no mínimo, a quatro mãos”, acredita. Ele e a equipe já desenvolveram trabalhos em diversos países, como China, Rússia, México, Uruguai e Portugal. “Tudo isso nos deu

aparato para que conseguíssemos esse destaque. É muito surpreendente, mas, ao mesmo tempo, é uma coisa muito ‘sua-da’, relata, afirmando que é uma honra ser o primeiro brasileiro a receber o prêmio. “Eu nunca acreditei, nem nos mais delirantes sonhos, que ia receber uma honraria dessas”, compartilha.

## Planos e expectativas

Antônio chegou aos Estados Unidos na última terça-feira, com intenção de aproveitar as palestras e cursos antes da premiação, além de trocar conhecimentos com outros paleontólogos. “É claro que vou aproveitar para ver o que tem de mais novo sendo produzido na paleontologia mundial e tentar fazer contatos”, diz. Ele relembra um ditado que costuma usar no Cariri: “Quanto mais cabra, mais cabrito”, referindo-se à importância do apoio entre os colegas da profissão. Assim, “as coisas são feitas mais rápido e melhor”, explica.

Para ele, ganhar o prêmio é inovador, pois pode atrair o interesse das novas gerações pela paleontologia. Hoje, o professor se orgulha do menino que foi quase vaqueiro e escolheu ser cientista, mostrando que todos que se interessam pela área são capazes de alcançar grandes projetos. “Se eu consegui esse reconhecimento internacional, então qualquer criança ou adolescente do Cariri, se quiser, pode chegar lá. Espero que o prêmio sirva de estímulo para eles”, compartilha.

Além disso, Antônio espera que trazer o prêmio para o Brasil chame a atenção para a falta de recursos financeiros para trabalhos em campo, atraindo mais investimentos nas áreas de ciência e paleontologia, e propondo uma reformulação nas leis. Com isso, ele acredita que será possível valorizar o trabalho dos pesquisadores, promover a troca de conhecimentos e uma sensação de pertencimento para sua terra, o Cariri.

“Que isso traga um olhar mais sério para a paleontologia nacional pela nossa comunidade política. Eu espero que a realidade mude e, sobretudo ajude essa região do Cariri a ser alavancada até ter igualdade de condições como qualquer outro grande centro do país, em relação à ciência, aprendizado e a uma ação de pertencimento do que é seu”, deseja.

**\*Estagiária sob supervisão de Marina Rodrigues**